

MONTEIRO LOBATO E ANÍSIO TEIXEIRA: O SONHO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Cassiano Nunes
UnB

Hermes Lima, no seu valioso livro *Anísio Teixeira, estadista da educação*, nos informa que as duas primeiras viagens do conceituado educador brasileiro aos Estados Unidos, muito importantes porque decidiram verdadeiramente seu rumo no campo da pedagogia, realizaram-se em abril de 1927 e no fim de 1928, quando, então, o jovem líder da educação baiana passou em Nova Iorque praticamente um ano acadêmico. Ora, em maio de 1927, Monteiro Lobato se instalara na maior metrópole norte-americana, como tanto desejara, e aí ficou até 1931, quando bastante contra a sua vontade foi cancelado o seu contrato pelo Itamarati, conseqüência da revolução de 30. Lobato e Dona Purezinha, em Nova Iorque, não tardaram a conhecer Anísio, e ficaram logo encantados com o moço baiano, pela sua inteligência, cortesia e perfeita correção, e este passou a freqüentar assiduamente essa casa brasileira em Jackson Heights, Long Island. Quando Anísio com a mente bem cultivada no Departamento de Educação da Universidade de Columbia — “lapidado por Deweys e Kilpatricks”, segundo Lobato —, decidiu voltar para a Bahia, onde o esperava o cargo que corresponde hoje ao de Secretário de Educação, o escritor paulista escreveu uma carta breve e admirável a Fernando de Azevedo, o líder inconteste do movimento da renovação educacional em São Paulo e no Brasil, que, na ocasião, dirigia o ensino no Distrito Federal, apresentando-lhe o moço da Bahia. Esta carta que teve

auspicioso resultado, porque uniu espiritual e afetivamente os dois idealistas que tinham muito em comum, inclusive a mesma base sólida jesuítica, foi escrita nos seguintes termos: "Fernando: ao receberes esta, pára. Bota para fora qualquer senador que te esteja aporrinhando. Solta o pessoal da sala e dá toda atenção ao apresentado, pois ele é o nosso grande Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o maior coração que encontrei nestes últimos anos de minha vida. Anísio, creio, sentiu e compreendeu a América e aí te dirá o que realmente significa esse fenômeno novo do mundo.

Ouve-o e adora-o como todos os que o conhecemos e adoramos e torna-te amigo dele como me tornei, como nos tornamos, eu e você. Bem sabes que há uma certa *irmandade* no mundo e que é destes irmãos, quando por acaso se encontrarem, reconhecerem-se.

Adeus, estou escrevendo a galópe a bordo do navio que vai levar uma grande coisa para o Brasil: o Anísio lapidado pela América. Adeus, Lobato."

É curioso lembrar que tinham a maior fé nesta irmandade dos excepcionais, Flaubert e os irmãos Goncourt, mas há muito tempo acostumamo-nos mais a julgar as pessoas por suas filiações a partidos e grupos do que por suas qualidades individuais.

Monteiro Lobato, desde a publicação de *Urupês*, que divulgara o tipo de Jaca Tatu, sua invenção literária mais forte, tornou-se pessoa famosa e controvertida no Brasil. A apresentação do Sítio do Pica-pau amarelo, que se desdobra em saga extensa, contada em numerosos volumes, e mais a férvida e rumorosa campanha em prol da exploração do petróleo brasileiro, ampliaram ainda mais o seu renome. Embora através da descoberta e leitura de algumas coleções de cartas do seu punho, tenhamos chegado à conclusão de que o escritor taubateano foi maior e mais complexo do que se imagina em geral, o fato incontestável é que ele é um dos nomes mais conhecidos pela sociedade brasileira, se não pelo próprio povo brasileiro. Já o nome de Anísio Teixeira se limita a ser apenas conhecido no campo da educação e, quinze anos após à sua morte, a sua carreira extraordinária se esmaeceu nas lembranças, pois morto deixou de ser atacado pela reação brasileira, que

em parte mudou, e, além do mais, perdeu muito do seu prestígio e força. A vanguarda da Igreja que, na época de Anísio, se apresentava à direita, agressiva, hoje está muito mais à frente da transformação social (quem o imaginaria?) do que o discreto e prudente Anísio sempre esteve. Uma observação necessariamente aqui deve ser feita: é estranho que tenham sido, constantemente, de modo absurdo e abusivo acusadas de comunismo no Brasil, justamente algumas das figuras intelectuais mais entusiastas do sistema político e econômico norte-americano. . . Anísio, e suas cartas aqui o comprovarão, nunca teve nenhuma simpatia especial por Moscou. Era um apóstolo autêntico da Democracia, no Brasil. Não lhe faltaram provas de afeição e de solidariedade dos americanos. Pois bem, mesmo assim a organização da calúnia, por obtusidade ou má fé, nunca lhe deu sossego. . .

Reconhecendo, pois, da parte do público, o conhecimento insuficiente da biografia de Anísio Teixeira, vamos, antes de comentar a sua maravilhosa correspondência com Lobato, que constitui o alvo fundamental deste ensaio, apresentar um rápido retrospecto de sua vida e carreira. Anísio nasceu com o século em Caiteté, sertão áspero da Bahia. Descendia de família patriarcal, importante na região. Seu pai era médico e chefe político. Desde menino, Anísio revelou-se ávido pelo saber. O convívio, com os excelentes professores, que são os jesuítas, induziu-o ainda mais à procura do conhecimento. Sua alma pura acordou logo para a vocação religiosa, mas, encontrando a resistência da família, desistiu do ingresso na Companhia de Jesus. Formou-se então bacharel em Direito. Um governador da Bahia, que parece ter adivinhado a mais profunda inclinação do moço de Caiteté, Góes Calmon, logo o eleva a Diretor de Instrução do Estado da Bahia. Estudos na América do Norte, contudo, mudaram, de maneira poderosa, a mentalidade do jovem pedagogo. John Dewey e outros mestres — mais o exemplo concreto e fascinante da experiência americana —, transformaram nele a fé religiosa, tradicional, em fé nas possibilidades do Homem, na melhoria da vida terrena, através dos métodos de educação, inspirados na filosofia e na ciência. Em suma, ele acredita na conquista de uma vida digna

e confortável para o Homem, através da realização plena da democracia. A democracia americana ensinou a Anísio que todos os homens têm o direito ao respeito e ao bem-estar, e não como ainda se imaginava e ainda se imagina no Brasil: os bens sociais constituem privilégios de certas classes, instituições ou estamentos. Movido por essa nova convicção, Anísio reassume o seu cargo, mas nunca irá antagonizar a Igreja, que lhe deu boa parte do seu saber e da sua constituição moral. Naturalmente, Anísio reconhecia a própria religião como uma das fontes educativas. O conceito do pedagogo cresce e, em 1931, já é chamado para dirigir a educação no Distrito Federal, onde fôra antecedido, na República Velha, por dois grandes educadores: Carneiro Leão e Fernando de Azevedo.

Em 1932, é divulgado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo e assinado por Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Sampaio Dória, Lourenço Filho, Riquette Pinto, Júlio de Mesquita Filho, Delgado de Carvalho, Almeida Júnior, Hermes Lima, Venâncio Filho, a grande Cecília Meirelles, Noemi Silveira Rudolfer e outros professores. Quando nos detemos diante de uma enumeração desse tipo, vemos que não tinha razão, na década de 30, Osvaldo Aranha, ao afirmar, irônico, que "o Brasil era um deserto de homens e de idéias". Nunca faltaram valorosos intelectuais ao Brasil. O mal é que não são enxergados pelos que governam e com frequência essas pessoas capazes em vez de serem incentivadas, são, pelo contrário, perseguidas. . . Perseguições não faltaram a Anísio e seu trabalho. Em 1935, o desvairado levante comunista (toda subversão é desvairada), deu justificativa para uma "caça às bruxas" que foi porventura a maior e a mais irracional que se realizou no Brasil. A discussão sobre a escola pública e a defesa da manutenção da Universidade do Distrito Federal, que reuniu uma plêiade de intelectuais, como o Brasil nunca outra vez viu — Gilberto Freyre, Delgado de Carvalho, Artur Ramos, Heloisa Alberto Torres, Venâncio Filho, Gastão Cruis, Pedro Calmon, Carneiro Leão, José Oiticica, Mário de Andrade, Cândido Portinari e Hermes Lima — tornou o operoso intelectual alvo dos mais acirrados sectários da reação no Brasil. Foram obrigados a fugir da polícia política Anísio

e outros intelectuais, como ele, apolíticos.

Apoiado por esse editor admirável e próspero, que foi Octalles Marcondes Ferreira — ex-sócio e na verdade uma criação do próprio Lobato —, Anísio vive por algum tempo em São Paulo e aí realiza importante trabalho editorial no campo da pedagogia. Mas de 40 a 45, instado por deveres de chefe de família, o pedagogo é obrigado a pôr tudo o que sabe de lado e dedicar-se a atividades comerciais.

Entretanto, em 1946, o negligenciado Anísio é convocado pelo grande Julian Huxley para realizar importante trabalho na Unesco. O autor de *Educação não é privilégio* aceita a incumbência por algum tempo, mas de novo as preocupações familiares o conduzem para atividades pragmáticas, não culturais. Em 1947, acha-se no Amapá, atraído pelo negócio do manganês (trata-se, na vida de Anísio, de um verdadeiro interlúdio lobatiano, pois Lobato é que se entusiasmava com suas investidas em outros campos, no dos minérios, inclusive), quando recebe convite de Otávio Mangabeira, recém-eleito governador da Bahia, para que ali assuma a direção da Secretaria da Educação. Anísio volta, então, ao cargo que já honrara na juventude.

Em 1951, o dr. Ernesto Simões Filho, também baiano, é nomeado Ministro da Educação e convida o seu conterrâneo Anísio para Diretor do Departamento de Educação, mas Anísio, gato escaldado, recusa. Criada a CAPES, sigla da Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior, Anísio é de novo convidado pelo ministro Simões Filho para dirigir a novel entidade. Anísio, desta vez, aceita a indicação. A seguir, tendo morrido em acidente o dr. Murilo Braga de Carvalho, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, é aprovado o nome de Anísio para substituí-lo. No INEP, prestou o educador baiano relevantes serviços. Contudo, em 1958, D. Vicente Scherer e os bispos da Província Eclesiástica do Rio Grande do Sul dirigiram ao presidente da República memorial acusando Anísio de querer preparar o povo para as reivindicações sociais. Segundo esses religiosos, de alta categoria, o modesto pedagogo desejava, através do ensino, transformar a república brasileira em república socialista. Esse ataque provocou um movimento laico no Brasil, único em sua

espécie, composto por ilustres professores e intelectuais que deram decidido apoio a Anísio. E por fim a ala moderada da Igreja achou que seria mais razoável desistir da demissão de Anísio, que continuou no seu cargo. Em 63, Anísio recebe as mais altas homenagens das universidades americanas como que para desmentirem as insinuações desarrazoadas dos seus inimigos. Mas a ditadura de 64 chegou logo com as suas restrições mentais e contra Anísio, que interinamente fôra reitor da Universidade de Brasília, foi levantado um aleivoso processo. Nesse momento, chegam-lhe novos convites dos Estados Unidos, provavelmente uma forma afetiva de os americanos demonstrarem inequivocamente a sua solidariedade à figura impoluta e valorosa de Anísio Teixeira. Mas para poder deixar o Brasil, o líder da educação brasileira tem que solicitar uma permissão especial ao presidente Castelo Branco.

No momento da comemoração dos seus 70 anos, a comunidade pedagógica e cultural brasileira se une para honrar o incansável e sofrido lutador. Uma obra de conjunto, de autoria de figuras de relevo do mundo intelectual, é publicada, analisando os diversos aspectos da carreira gloriosa de Anísio Teixeira. Mas a 19 de março de 1970 é vítima de um acidente. Vão encontrá-lo, dois dias depois, morto no fundo de um elevador.

A correspondência entre Monteiro Lobato e Anísio Teixeira, que, neste estudo, vamos comentar, compõe-se exatamente de quatro dezenas de cartas, sendo 23 de Anísio e 17 de Lobato. Com exclusão de uma carta importante de Anísio, que copiei do manuscrito original, encontrado no que restou do arquivo pessoal de Lobato, todas as missivas são conservadas pelo CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas.

Anísio deve ter conhecido Lobato em Nova Iorque, na primeira visita de observação que fez aos Estados Unidos, em 1927, pois a primeira carta da coleção é de Lobato — de junho de 28 — e agradece, ao então jovem professor, a remessa do seu primeiro livro publicado, por sinal, praticamente o relatório profissional das visitas que fez a estabelecimentos educacionais norte-americanos. O livro foi editado na Bahia, na primeira metade de 1928, pois o exemplar que conhecemos foi enviado a Homero Pires, em maio de 28.

Lobato acusa o recebimento da obra, não deixando, generoso, de a comentar com louvores, como se pode ser: "Recebi o seu livro e estou a lê-lo com o interesse e simpatia que me causam os trabalhos *pensados*. Que penetração, que visão segura do problema! Poucas vezes na vida tenho encontrado inteligência lúcida como a sua e tão penetrante! Se no Brasil houvesse ressonância para as idéias esse livro calaria fundo e marcaria época. Infelizmente as cousas são o que são. Poucos lerão o seu trabalho e menos ainda o entenderão. . .

Mande um exemplar ao Alarico Silveira, secretário da Presidência, e outro ao Fernando de Azevedo, diretor de Instrução no Rio. A eles recomendarei que leiam religiosamente o seu trabalho e tenho a certeza de que de dois pelo menos você será entendido. Um grande abraço de parabéns."

Depois de se referir, rápido, à beleza da primavera americana e de fazer votos pela eleição de Hoover, para presidente do país-mundo, em que se instalou, porque é "um puro técnico, um engenheiro, um não-político", Lobato despede-se exaltando de novo a inteligência do amigo e compatriota.

Anísio volta a Nova Iorque, nos fins de 28, para seguir curso acadêmico e aí fica até aos meados do ano seguinte. Mal chegado ao Brasil, o jovem baiano escreve a Lobato que, a 25 de julho de 29, de "Bagdag-over-the-subway", responde ao patrício com as seguintes palavras: "Caro Anísio, chegou-me tua carta do "Gelria", e lêmo-la cinco vezes, eu três e Purezinha duas. Deixaste nela uma entusiasta, a ponto de te excluir sempre, como exceção única, quando tem de meter as botas na nossa gente masculina.

Meu caro Anísio, tua saída desfalcou a sério esta imensa cidade, e a vítima maior do desfalque fui eu. Fiquei sem saber que fazer dos meus domingos e tive de inventar uns *outings* de auto, com Muniz e outros pelo Estado de Connecticut e dentro para tapar o buraco que abriste nos meus *sundays*. A primeira parte deles ainda boa, pois enche-a o nosso suculento e *matter-offact-minded* TIMES; mas as tardes ficam miseráveis.

Rimo-nos muito imaginando tua cara ao dar de frente, positiva e inexoravelmente, com a pátria amada. Teu aferro ao navio, a ausência de pressa em deixá-lo porque o que te esperava lá em

baixo, de pé no chão, a pesar de Rio, "já era a Bahia", com o Bernardino de Sousa, o Instituto Histórico, a Colocação dos Pronomes, e todos os mais ranços que nos encarangam. Ninguém conhece melhor a tua tragédia mental do que eu, porque ninguém conhece melhor a tragédia do boi que vai a caminho do matadouro que o *next* — e eu ameaçado de ter de regressar para o ano, parece-me que sou o *next* . . .

E como isto continua crepitante! Quanta cousa nova depois que partiste! Os cabos já lançados na imensa tri-borough bridge de 60 milhões; o sucesso das experiências do magnofilme no Paramount; o *announcement* de Mr. Ford sobre o novo *lift* do salário mínimo de seus empregados de 5 para 6 dollares, o início das gigantescas obras do *elevated* para automóveis ao longo do Riverside; o novo tunel cross-town que ligará New Jersey a Long Island; a vitória do nosso Brazilian Garden Coffee, de modo que ontem alugamos o pavimento superior para meter mais cem mesas e estamos à procura de nova casa para montar o número dois do *chain*; o hiato do Décio de Paula Machado. . .

Um dia de Nova Iorque vale uma vida no Brasil — pelo menos ensina mais que ela. Dias eufóricos, galopados, sucessão de *screen continuity*, só estragados com a chegada dos jornais daí."

Ficamos sabendo, por essa carta, como resultou a visita do Anísio, fortemente recomendado, a Fernando de Azevedo: "O que me dizes do Fernando é o que eu esperava. Fernando é em si uma obra de arte da natureza e tudo quanto dele sai vem com esse caráter de obra de arte que com tanta justeza lhe notaste na obra que empreendeu no Rio. Quanto mais a fundo o conheceres, mais me agradecerás o ter-te revelado esse admirável irmão da grande irmandade. Prevejo que do encontro de ambos bons frutos hão de surgir."

E lendo a mesma carta longa ficamos ainda sabendo que Lobato, como Mário de Andrade, o modernista, foi tentado pela idéia de escrever uma "gramática brasileira", se bem que a quatro mãos: Li o livro do Fontes. Que espírito interessante! Como é original! Propus-lhe uma idéia *very funny*: fazemos a gramática brasileira. Fontes só precisa, para dar de si tudo quanto pode dar, dum banho de América de um ano. Mete-lhe isso nos miolos.

Tenho a certeza de que se ele vem e faz o que fizeste, dá-lhe na cabeça o estalo do Padre Vieira e salva-se, como te salvaste. De quê? Do mal nosso, essa gafeira dos miolos que herdamos do português. Remédio de gafeira é sabão — e sabes, de experiência, a poderoso lixívia que esta América, como nós a vemos, é."

Pouco depois, a 5 de setembro, em nova carta Lobato aponta a Anísio o desajustamento do intelectual moderno num Brasil arcaico, na sua essência, e reflete sobre o grande vácuo da vida política brasileira, que, por sinal, ainda não se modernizou, e continua até hoje mantendo os seus senadores e deputados oriundos das terras dos latifúndios e dos "currais eleitorais": "A tua tragédia que talvez no mundo ninguém compreenda tão bem quanto eu, vai-se processando lentamente e como aqui previmos. A libertação mental por que passaste impõe complementos e um deles será também de libertares da Bahia. Prepara-te para isso, certo duma vez para sempre que a velha mulata não é mais *fit to you*.

E que ferveadeira de debate político não irá por ela e pelo resto do país! Tenho corrido os olhos nos debates do congresso e saio desolado! Não vejo uma idéia, uma *issue*, quer dum lado, quer doutro. Só pessoalismo e intrigalhas! E os chavões, todos clássicos e panamericanos (este país excetuado) — libertação, vitória dos princípios liberais etc. Que cabindas somos, que zulus! O mundo está a brotar de todos os lados, a voar e a telever e a radiouvir e a promover explosões de átomos e nós continuamos mascando o *chewing gum* da revolução francesa. Não pude deixar de rir-me comigo ainda há pouco, abrindo um número de jornal e dando com esta *headline*: "Este movimento cívico que sacode as consciências é sobretudo uma revelação da vitalidade latente da alma brasileira etc."

Sons, velhos sons, nem sequer espinoteantes e *full of pep* dum jazz. Inda é a Dalila, a famosa música de acompanhamento que se tocava outrora para background do "Era no outono quando a imagem tua à luz da lua, sedutora, eu vi.""

Para Lobato, São Paulo distingue-se do resto do Brasil, como já o proclamara em frase contundente seu amigo, o baiano apaulistado, Artur Neiva. é o que se evidencia na carta de Lobato dirigida a Anísio a 16 de outubro de 29, que acabava de visitar a Pauli-

céia: "Em mãos a tua de 22, feita em São Paulo. Não vivia eu a dizer-te que S. Paulo não era Brasil? Que tudo lá já estava inteiramente ganho pela corrente da civilização? Sempre que falávamos do Brasil eu excluía S. Paulo e agora pudeste verificar que a razão me assistia. Aquilo já começa a ser Estados Unidos, ou melhor o novo Brasil. Há de, como a mancha de azeite, ir contaminando de progresso e ação todos os demais estados." Adiante, Lobato informa ainda: "Curioso: recebi com a tua, carta do Vilar, que é amigo de *boutades* e reproduziu aquela frase do Neiva (que lhe tem custado críticas perversas): "São Paulo é a locomotiva que arrasta vinte vagões de burros." Se em vez de burros, ele pusesse lesmas, creio que estaria certo, não?" E Lobato conclui, aconselhando Anísio: "É para S. Paulo que deves voltar tuas vistas. Só lá não sentirás o mal-estar que a velha Bahia te vai causar agora que tomaste o grande banho de Bab-O americano e estás com a alma limpa da gafeira católica."

Em carta escrita no gabinete de Diretor de Instrução da Bahia, Anísio na carta de 24 de outubro de 1929, confirma as suas impressões sobre S. Paulo: "Já lhe disse quanto gostei de S. Paulo, Trabalho, espírito científico, negação para a retórica nacional. De lá fui para Minas. Essa está ainda dormindo. Avalie que a mentalidade dominante é a de um messianismo de um século atrás. Minas quer salvar o Brasil do *materialismo* paulista. S. Paulo quer tornar a vida rica, bela, agradável e boa. Para o mineiro tudo isso é bobagem ou então é pecado: o que vale é aumentar o *sentido ideal da vida*."

Mas em tudo isto como S. Paulo me pareceu estar a *reivindicar-nos* triunfalmente. Até pela sua inteligência tão pouco crítica e analista, tão pouco verbal, o que surpreende sempre o nortista nervoso e loquaz, S. Paulo está a salvar-nos." E Anísio avisa: "Bahia, já estou com pé no estribo para o sul. É questão de mais dia, menos dia."

A 8 de dezembro do mesmo ano, despegando-se lentamente da Bahia, Anísio informa o amigo: "além de uma gripe cacetíssima, que me andou inutilizando, uma porção de dias, além de uma nova viagem ao sertão, o mês de novembro trouxe o amadurecimento de várias pequeninas crises da minha ida e tive eu que me

preocupar, todo esse tempo, com a colheita de seus frutos, nem todos aliás doces. Resultado: já não sou diretor de instrução; ando a política cogitando — tranqüilize-se! sem grandes possibilidades — de fazer-me deputado; de minha parte ando com o projeto de magistério, concursos etc. No final de contas uma fase da minha vida encerrada — quase seis anos, diretor de instrução e agora as pausas e os labores de um novo começo." O contraste com o amigo compatriota em terra de ativismo aparece: "Estou, releve-me o mau gosto, idiotá e oco como um acumulador descarregado. Corro agora sempre o perigo, ou tenho pelo menos a impressão de que estou jeremiando à beira do caminho que você segue, a cem quilômetros *buoyant and joyful*, como todo o habitante dessa terra de juventude e de ação."

E prossegue, comparando também nortistas e paulistas: "Você me pergunta em sua carta ainda pela rapaziada de S. Paulo. A minha impressão deles já lhe disse: são os homens reais do Brasil (nós, do norte, somos os homens *verbais*)." E refere-se ainda ao plano de elaborar com Lourenço Filho um volume sobre Dewey.

De Nova Iorque, a 16 de janeiro de 1930, Lobato assim comenta a demissão de Anísio do seu posto diretivo no setor da educação: "Já não és diretor de instrução, curioso. Justamente quando te preparaste para ser um grande diretor de instrução, quando ficaste em ponto de bala, fora. . . Vai para teu lugar um o quê? um leigo, pois acho que é leigo todo homem que não conhece a América." Lobato volta, pois, a um ponto de vista que lhe era dos mais firmes: qualquer homem brasileiro que pretendesse atuar eficazmente no seu país devia antes preparar-se na América, conhecer antes os Estados Unidos.

Depois de apontar ao amigo, que se preparava para a ação política, a pobreza mental dos partidos políticos brasileiros e sua estreitez e poder de despersonalização, o escritor conclui: "Não há, entre nós, lugar para os isolados." E o contador de histórias não perde a oportunidade de contar uma, ilustrativa, denunciando assim o horror do brasileiro ao que se destaca, ao que diverge do ramerrão raso do país: "Tua viagem à América foi um erro, como foi a minha. Se soubesse, não teria vindo. Sabes a história do homem sem papo? Parece que é o Cornélio Pires quem conta isso."

Foi ele dar com os costados numa aldeia de Goiás, onde toda a população era papuda e lá teve entrada em casa de certa família. Havia na parede o retrato de um moço sem papo. — Quem é? perguntou ele.

— Ah, é o pobre do nosso Quinzinho no tempo em que ele era *doente*. Hoje, está diferente, já sarou.

A pobre informante queria dizer com isso que o Quinzinho já estava normal, isto é, de papo."

E o criador do Jeca Tatu extrai a moral da história: "Quando aí, eu desconfiava do papo nacional. Desconfiava apenas, não tinha certeza certa. Hoje sei que o papo mental é que é a normalidade e quem não é papudo está desgraçado."

E depois de confessar a sua desesperança de brasileiro, remata: "Ser brasileiro, ter eternamente diante dos olhos o espetáculo das nossas coisas, das nossas idéias, da tapeação perpétua que é a vida nacional, como isto cansa."

E depois de ter ridicularizado o discurso de um diplomata Luís Guimarães Filho, que lhe parecia o símbolo do *papo* brasileiro, Lobato adverte Anísio: "E você, seu Anísio, a trabalhar num livro sério sobre Dewey. Admites então que a terra que se mijá de gozo com L. Guimarães vai ler a palavra pensada de um estudioso da tua marca? Eles querem morfina, ópio, pingas. São um povo de *drug-addicts* — único meio que encontraram para fugir à lazeira reinante. Dá-lhes pinga lírica, se podes; do contrário, deita-te a dormir numa deputança que não te force a contacto com os "eleitores". Só isso é sábio."

Carta de 12 de abril de 30, de Lobato, diz-nos que Anísio ingressou no corpo de professores da Escola Normal da Bahia: "Professor de Filosofia da Educação na Escola Normal. . . Que castigo! Pegar dum Anísio, pô-lo no ambiente da Colúmbia e depois professor de filosofia da educação na escola normalíssima da Mula-ta Velha. . ."

Eu continuo com as minhas idéias, sentindo um cansaço infinito cada vez que me lembro da pátria amada. Interessante, é de cansaço, minha sensação. Se tiro fora o pensamento, sará. Mas se volto a lembrar-me, derreio. Há 47 anos que sou brasileiro, como isto esfalfa. . ."

A carta seguinte na coleção é de Anísio (26 de novembro de 30) e relata as "modificações" operadas pela República Nova, que soube tão bem conservar os piores defeitos da Velha: "Estamos em cheio na atmosfera que devia dominar na Europa em 1848. À busca ainda de liberdades políticas e liberdades civis! Quando veremos que o problema da *organização* é não problema político, é o que realmente importa? Preparem-se os homens. Criemos os técnicos. Eles *organizarão*. Da organização virá a riqueza. E tudo mais — política sã, liberdades, etc. etc. virá de acréscimo. Parece, porém, que temos de sofrer nossa fase histórica. Os problemas que ainda falam à inteligência e ao coração brasileiro são os problemas políticos: representação e justiça, na frase de Assis Brasil."

Anísio mostra, contudo, a possibilidade do triunfo da nação: "No entanto, bem sabe v. como é robusta a minha convicção de que o problema brasileiro, o problema da riqueza brasileira é um problema de solução perfeitamente possível. Se a ciência e a indústria habilitam, hoje, o homem a olhar para a China com aquele espantoso problema de população, com tranqüilo e seguro otimismo, o que se dizer do Brasil, onde as dificuldades são incomparavelmente menores?"

O que não posso contar, porém, é minha impaciência ao ver os homens se perderem *dead-alleys*, quando podiam todos ganhar a *estrada real* que aí está aberta aos olhos de todos."

No ano seguinte, a 5 de janeiro de 31, Anísio compara a sua existência com a de seu amigo em Nova Iorque: "Recebi ontem a sua carta de 19. Vejo como a sua atividade é realmente ampla, arejada e voltada para as cousas essenciais. Inteligência é a distinção entre o essencial e o secundário. Quando leio a sua carta, fico a imaginar se realmente o meu grande erro não está em não saber fazer tal distinção.

Escolas — sem livros e sem riqueza! . . . Eu. Livros e riqueza — você. Não há necessidade de comparar."

No fim do mesmo ano, Anísio exalta o progresso em literatura infantil do seu amigo Lobato: "Meu grande amigo Lobato: Happy New Year! A sua carta, o seu livro, a sua lembrança, não me saem do espírito. Leio *Reinação de Narizinho* com um prazer

sem nome. Você é um Kipling feito à medida do Brasil. Um pouquinho frouxo. O Brasil é tão pouco grande! Mas como v. já *creceu* de alguns dos seus outros livros de criança. Começa v. a sentir-se à vontade entre as crianças. . . E isso v. sabe bem como é grande."

A carta, que se segue na série, foi escrita por Lobato que já se acha no Brasil, e, desgostoso com o rumo tomado pela organização, de que era um dos mentores, e que tratava da produção do aço brasileiro, se entrega a novo sonho, o da exploração do petróleo: "A minha companhia foi um sucesso tremendo. Amanhã fecha-se a lista. Vamos ter uns 600 subscritores. Não foi preciso catequisar capitalistas nem nada pedir a eles. Bastou minha literatura no dia 20 no "Estado" e mais publicação que saiu hoje — veja-a, se tens aí o "Estado"."

E a energia de Lobato canalizada para um ideal patriótico o ilumina e transfigura, quando escreve: "Como anima e levanta a alma da gente, isto de iniciar uma coisa grande, uma coisa que pode crescer indefinidamente e da qual todos poderão se beneficiar! Em vista disso mergulhei no OIL de cor inteiro e não mais me interessa o caso mineiro, o caso paulista, e mais a infinidade dos casos MEXE ANGU. Só me preocupa o problema da solução prática do AUMENTA ANGU. E em vez de pregar para que os outros façam, pegar e fazer." Lobato transformava logo o seu sonho em ação, como de costume, ao contrário dos devaneadores que esperam sempre que o governo faça. . . E que o seu projeto de que esperam sempre que o governo faça. . . E que o seu projeto de riqueza não visava ambição pessoal mas derivava de sentimento patriótico, altruista, fica evidente no final da missiva: "Meu caro Anísio, você é bastante inteligente para compreender que eu estou colaborando com você, da melhor maneira. Se for bem sucedido, os Anísios do futuro, na direção da cultura do povo, não lutarão com os óbices que os atuais encontram, decorrentes todos da escassez do angu.

Faze, pois, de coração votos para que eu vença."

Em carta de 33, Lobato elogia o livro de Anísio sobre a América do Norte, que entusiasma os dois brasileiros e anuncia a redação de *Emília no país da gramática*. Está saindo estupendo.

Inda agora fiz a entrevista de Emília, na qualidade de repórter do *GRITO DO PICAPAU AMARELO*, um jornal que ela vai fundar no sítio com o venerabilíssimo Verbo SER, que ela trata respeitosa e de Vossa Serencial Está tão pernóstica, Anísio, que você não imagina.

Estamos pensando no J. Carlos para ilustrar esse livro. Aqui não vejo nenhum desenhista capaz. Oh, se a Emília soubesse desenhar. . ." E demonstrando que, no Brasil, quem trabalha direito cresce e triunfa, Lobato faz referência ao sucesso editorial do seu ex-sócio Octalles Marcondes Ferreira: "Octalles entra esta semana no milhão. Com o que vai entrar das tipografias até o sábado atinge um milhão. Aquele é o Anísio dos editores." Lobato só era pessimista quando via a vitória dos reacionários, dos obscurantistas, que usam todas as artimanhas para que o Brasil não progrida. Sua tendência natural era a exaltação do sucesso do trabalho. Logo chega um ano em que o próprio Lobato se gaba de já estar correndo o Brasil mais de um milhão de volumes com o seu nome.

Essa carta finaliza com um novo hurra à América do Norte: "Soube que o Venâncio voltou da América, entusiasmado. Ótimo. Mais um para pregar a verdade. Faça seguir gente de miolos para lá que prestará um grande serviço a esta pobre terra de que o maior (erro? CN) é não desconfiar que a América existe."

A união de Anísio, o grande educador, o Octalles, o grande editor, que foi descoberta de Lobato (a maior de todas, na opinião do criador de Emília), produz uma série de publicações que visa ao enriquecimento e à modernização da mentalidade brasileira. O seu alvo principal é o pedagógico, o educativo. Em carta já de 1936, Anísio dá notícia a Lobato do seu plano: "Depois de um mês de espichamento na praia de Santos, estou como se tivesse nascido de novo. Nem o calor me abate. Sou todo brotos e disposição para o trabalho. E então sonhei com aquele velho sonho da coleção de livros fundamentais. Com uma modificação. A toleima brasileira que só *reflete* telegramas e brochuras está a pensar que só há, no mundo, os hospitais alemães e italianos e o sanatório russo para cura da humanidade. Ora, é preciso mostrar-lhe que há gente sã em 4/5 da terra e gente saníssima em uns países anglo-saxônicos e

nórdicos. E que essa gente é sã porque se nutre bem. É que a nutrição intelectual é tão precisa quanto a material. Quando há nutrição intelectual é indispensável logo depois dietas especiais — e temos Itália, Alemanha e Rússia. . . Ora a nutrição de hoje é o pensamento elaborado à vista do avanço das ciências e da democracia. . . A coleção seria, pois, de alimentos dessa espécie. Coleção de civilização contemporânea. Para dizer os corolários da ciência e da democracia. Começar por Wells e pelos geniais escorcistas contemporâneos, e, de vez em quando, para mostrar a continuidade com a floresta do pensamento humano, um jequitibá secular — Montaigne, Platão etc. Que acha você? Uma coleção para um regime de supernutrição. Não será de nutrição que realmente o país precisa? E não está isso 200% de acordo com a política da companhia? Nutrição dirigida em vez de economia dirigida. Porque para essa parece que ainda não chegou a hora. . .

A coleção do F. A. é muito interessante mas meio doméstica, sem horizonte internacional. Seria necessário uma coleção em que a pedagogia fosse um capítulo e não um título. Pedagogia é bobagem se não for toda a cultura humana. Há mais pedagogia em Wells do que em todos os professores do mundo."

E em 1937, a 7 de julho, há poucos meses, do dia fatídico em que Getúlio interrompe o desenvolvimento da democracia no Brasil, Anísio, do sertão baiano, com satisfação agradece carta entusiástica de Lobato e confidencia: "Vivo entre Dewey, Russell, Wells e Lobato. E fazem-lhe bem (está se referindo jocosamente à lâ de um capote — CN) esses homens de amanhã. Vivo com eles mergulhado no futuro. É uma sensação esquisita e muito mais eufórica." E depois de se referir ao catolicismo progressista do exterior, Anísio lastimando o Brasil a si mesmo se lastima: "Pobre componente nova entre as forças cansadas da Humanidade", pobre Euclides, como foste feliz em ser assassinado antes que os Tristões, os Arlindos Vieiras e os Francas se propusessem a reeditar no Brasil a pagodeira torquemadiana. . . Mas eles passam. "Notre credulité, diz-me o Afrânio citando Voltaire, fait toute leur science." E acrescenta: "o poder deles é ilusão nossa."

Na mesma carta, Anísio anuncia a nova fase da literatura

infantil de Lobato — o objetivo didático na obra do criador de Narzinho foi possivelmente inspirado pelo pedagogo baiano: "Dentro de meses saem seus novos livros, os de ciência. . . É o mundo sem fantasmas, que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, o trabalho que me entenece a inteligência muito mais que você o possa imaginar. Quando o vejo a procurar com o ferro e o petróleo dar espinha ao nosso invertibrado Brasil econômico e com os seus livros arejar a inteligência ao menino brasileiro que se vai erguer nas suas pernas traseiras, fico a sonhar na sua estátua. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com você. As idéias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que rofiam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro, petróleo e inteligência se não de afinal construir a "componente nova" do Euclides."

Na carta seguinte de Lobato, certamente de 37, mas não datada, Lobato fala entusiasmado do discurso de José Américo, com quem esteve duas horas, conversando animadamente sobre petróleo e anuncia o sucesso da sua literatura infantil na Argentina. A esta carta se segue outra ainda de Lobato, em que o escritor diz: "Meu próximo livro, *O poço do visconde*, será dedicado a você. A Anísio, que tinha sofrido a perseguição mais desapiadada e injusta, parte da "caça às bruxas" proveniente do levante comunista de 35, Lobato assevera. "Pedro Ernesto já está na rua. Tudo se restabelece neste curioso país. Vá v. se preparando para retomar a tarefa interrompida." Há, então, uma grande lacuna na correspondência, cuja leitura se reata com carta de Anísio de 19 de julho de 1941. Afinal de contas quem acabou indo para a cadeia não foi Anísio mas Lobato, e o motivo não foi pretenso comunismo, mas petróleo. Anísio declara-se, na sua epístola, tranquilizado, por saber que Lobato já voltou para casa. Leiamos Anísio: "Lembro-me de v. me dizer: uma idéia na cabeça e um incondicional devotamento a essa idéia, não há outro meio de suportar a vida. Mas hoje como aquele Sorrell do romance que v. traduziu, eu ando buscando aquele estado de *secura* feliz que se ganha quando caem todas as folhas das paixões e ficamos como essas árvores que não florescem porque já não precisam de florescer. Existem, tão-somente. E ainda isso é seu. . . A felicidade de só

existir... e nada mais." E no último dia de 41, depois de um convívio de oito dias com Lobato, Octales e Fernando de Azevedo, Anísio, com aquela sinceridade, que era uma das suas virtudes maiores, revela quanto lhe pesa ter deixado a vida intelectual, que está trocando pela dos negócios, por imposição dos seus deveres de chefe de família. Também mostra a perplexidade que domina todos os espíritos democráticos nessa hora em que o fascismo agride e ameaça o mundo. Outra lastimável lacuna ocorre na correspondência. E, a 3 de junho de 44, Lobato, sempre inflamável, escreve uma carta inteira a Anísio, incitando-o a que leia um livro que o entusiasmou: *A grande síntese*, de Pietro Ubaldi. Escreve Lobato que procurava um livro lhe pudesse servir ao mesmo tempo de abrigo e alimento, assim como, para um rato, um grande queijo pode dar, ao mesmo tempo, casa e comida: "Creio que encontrei o meu livro — o queijo para casa e comida de rato velho que sou." A 26 de agosto de 44, Anísio, depois de ter lido o livro celebrado, confessa o seu desinteresse pela obra. E exalta Dewey que não é bem uma morada mas uma plataforma de lançamento, de onde a gente parte para todas as direções do quadrante do futuro... " E a carta se encerra, cheia de esperança no fim do regime de Hitler e no renascimento da democracia.

A 20 de maio de 1945, Lobato, numa carta a Anísio, manifesta a importância da sua amizade com estas palavras sensíveis: "O buraco que você deixou em São Paulo parece um buraco de estrada de rodagem na China — aqueles que ficam abertos a vida inteira. Todos dizem isso. Você é um fazedor de buracos impreenchíveis... Ninguém te substitui, Anísio. Não há no mundo uma personalidade mais viva, penetrante e iluminada que a tua. A vida sem o Anísio é uma porcaria — saiba disso."

Em carta de 6 de junho de 1945, Anísio transformado em homem de negócios, porque o Estado Novo, com o seu estrabismo anticomunista e porventura pré-fascista, timbrava em ver, até nos entusiastas dos Estados Unidos, cúmplices de Moscou, num estilo de sátira bem lobatiano, conta as desventuras de quem quer ser progressista numa terra que ama o atraso, como a prostituta, o seu cáften: "Ninguém melhor do que v. pode julgar minha situação. Muito pouca coisa funciona no Brasil e no Norte não

funciona coisa nenhuma. De comerciante — horrorizado com essa história de comprar aqui por menos para vender ali por mais —, meti-me a industrial e afundi-me em uma série de minas de manganês. A minha experiência foi 100% baiana. O problema tinha seus elementos muito claros: tinha que existir minério, depois tinha que extraí-lo, transportá-lo a gasolina até a estrada, aí ter transporte até o porto, e uma vez no porto ter compradores e vapores. Tudo simplicíssimo: minério, gasolina, transporte ferroviário, porto, comprador, navio... Pois em cinco anos só raramente esses elementos coincidiram. Quando tinha minério, não tinha transporte. E algumas vezes quando tinha transporte e navio não tinha minério... Foi um gangorrear sem fim. E agora — porque resolvi os problemas que me competiam — sou um homem que tem minério, tem preço e tem comprador — mas que não tem transporte... Como sou muito Sancho, não devo a ninguém mas estou com um pesadíssimo negócio nas mãos sem saber como sair... Sou hoje um homem amarrado a mais de 30.000 toneladas de pedras espalhadas por minas, estações ferroviárias e dois portos baianos. Como gostaria de liquidar tudo isto e ir ajudar vocês a fazer livros — cousa, pelo menos, muito mais leve que o manganês. No Brasil, tudo é tão tênue que só se deve tentar o leve. Isto do pesado é o diabo..."

Mas vai chegar logo, de maneira imprevista, a hora da redenção moral de Anísio Teixeira e o prodígio naturalmente vem do estrangeiro, porque, no Brasil, não acontece tal tipo de milagre. Mas vamos à carta de Lobato, de Buenos Aires, de 12 de agosto de 1946, que exulta com a notícia quase miraculosa de um convite do grande Julian Huxley dirigido a Anísio Teixeira para assumir um cargo de chefia na Unesco: "Aqui me chegou a notícia da Meridional sobre o convite de Julian Huxley para que vás funcionar como matéria cinzenta num dos lobos cerebrais do mundo — exulte! Vi confirmada aquela minha dedicatória, que foi suprimida pelo medo do Octales, na qual eu dizia que você não cabia no Brasil. Huxley viu isso e te mudou do país excessivamente pequeno para o talvez único que te convém. Que país pode convir a você, Anísio, senão esse país ideal da United Nations Educational & Cul-

tural Organization? A grande coisa deste mundo moderno, Anísio, é que há o Padre Olímpio e há também o Julian Huxley." Nesta carta há uma sentença cruel que evoca o clima pesado da época no nosso país: "Os verdadeiros valores que o Brasil possui se vêem na contingência de emigrar para que possam realizar o seu destino de valores humanos já que em nossa triste terra, o Padre, e seu capanga, o Soldado, lhes proíbem qualquer forma de realização."

Esta não foi a única missiva de exaltação de Lobato pela honraria obtida por Anísio. Noutra carta, depois de afirmar que "as vitórias de Anísio são vitórias de todos os seus amigos e admiradores, Lobato evoca horas de depressão: "Lembro-me quando te vi no Rio de Janeiro *traqué* pela polícia, escondido pelos amigos, como um grande criminosos — e naquela ocasião também chorei. *For whom the bells toll?* Todos estávamos implicitamente perseguidos, foragidos, escondidos com você, enquanto lá fora o tumor Vargas com o seu charuto entregava a Cultura Brasileira aos percevejos da Coisa Romana." E nessa carta, refere-se ao seu desejo de ir conhecer o Peru, a Colômbia e o México, e escrever uma história da América para as crianças, salientando a importância das civilizações aborígenes do nosso continente.

Pesquisando no que restou do arquivo de Lobato, privilégio que nos foi concedido pela filha mais velha de Lobato, D. Marta, encontramos a carta de Anísio, em que a 7 de setembro de 1946, de Londres, o educador patricio conta a seu velho amigo literato como lhe chegou o convite honroso de Huxley. Essa carta não consta da coleção do arquivo do CPDOC e nunca foi antes dada à publicidade. Vamos transcrevê-la inteira: "Grande e querido Lobato: de volta da França, onde fôra representar a Unesco, em um congresso mundial de estudantes judeus, encontrei a sua carta recambiada da Bahia, de onde parti a 12 de julho. É verdade aqui estou na Unesco, convidado pelo grande Julian Huxley! Só *realizamos* completamente a idéia de que o mundo é redondo nessas ocasiões. Logo que soube da sua partida para a Argentina — em New York, onde os negócios me levaram — comentamos, Coelho, Afrânio e eu — com melancolia e amargura — seu exílio voluntário. Aquilo também me parecia a medida do Brasil. Mas

não lhe escrevi porque não tinha nada, ou tinha muito que dizer. Nesse mesmo período, andava o Huxley à minha procura para *exilar-me* também. Procurou-me por isso no Brasil e não houve quem lhe dissesse por onde me acharia eu. Afinal de Paris alguém — o Paulo Carneiro — indagou do Venâncio Filho — que fugiu não para Paris ou Londres mas para o outro mundo no mês passado — o meu paradeiro. Com a resposta do Venâncio, escreveu a Londres de onde telegrafaram ao Huxley já em New York. E num dia, no dia 12 de junho para ser exato, de volta em New York ao meu pequeno hotel na rua 46, encontro uma carta de 4 páginas do Julian Huxley, escrita a mão convidando-me para ser conselheiro da Educação da Unesco. Soubera do meu endereço, no dia do seu regresso por avião a Londres e ainda estivera no hotel duas horas, contando com o meu regresso para a almoço — como não chegasse escreveu-me uma carta relatando como havia andado um mês à minha caça para me descobrir no dia do seu regresso a Londres! E assim me deparei com uma carta do Julian Huxley e um convite inacreditável do Destino para dar uma volta de 180º em minha vida, sem nem ao menos ter a oportunidade de avistar-me com o Huxley para saber um pouco o que queria dizer tudo aquilo. Tão espantado fiquei que, em telegrama, solicitei alguns dias para assentar o espírito. . . E nunca me vi tão *fisicamente* numa encruzilhada. De um lado, a Unesco, com os seus sonhos e os eternos perigos dos sonhos, e do outro lado a chatice da minha vida de galego, com as suas primeiras sólidas promessas de sossego material. Entre as duas direções — mulher e quatro filhos a espiarem a minha escolha. Afinal tomei — tonto e zanzo — a direção do sonho. Durante o primeiro mês vivi num estado de sonambulismo. Não podia acreditar nem em mim, nem no mundo, nem na Unesco. Só agora começo a tomar pé e a escapar do estado de "sur-réalisme", em que me lançaram as circunstâncias. Lembra-se v. do *Back to Mathusalah* do Shaw? Recordar-se do fenômeno do "discouragement" que esmagava os "vida-curta" em presença dos "vida-longa"? Foi neste estado em que vivi o meu primeiro mês da Unesco. Sentia diante do Huxley e dos seus colegas ingleses, europeus e chineses aquele estranho fenômeno de desânimo que pinta Shaw. Eu era um "vida curta" dessa curtíssima

América do Sul em face desses matusalênicos sábios da velha Inglaterra e da velha Europa. Logo, na primeira semana, tive de dizer algumas palavras na British Association for the Advancement of Science! Avalie o meu *discouragement!* E na Unesco? Afinal, a Unesco devia ser o *brain-trust* da Humanidade. E que podia eu fazer, que podia eu ter a fazer num *brain-trust* da Humanidade? Ah! meu caro Lobato, mal pode imaginar por que torturas de espírito passei! Por isto mesmo é que não pude ver bem os outros aspectos desta volta inesperada em minha vida. A sadia "alegria impura" de verificar que o mundo tem Padre Olímpio e tem Julian Huxley, ficou obscurecida pela dramática experiência por que estou passando. Depois de dez anos de exotamento no Brasil ver-me suspenso pelo Huxley e feito conselheiro de uma universidade do mundo é francamente milagre de conto da carochinha. O Carlos de Lacerda, num artigo do "Correio da Manhã", considerou o meu caso como o do mais estranho "desfenestramento" que já se deu no Brasil. Desfenestramento é, como se sabe, o hábito brasileiro de jogar seus homens fora, pela janela. . . Ao me jogarem, diz o Carlos, passava pela rua um transeunte que me apanhou. Esse transeunte era o mundo. . . O artigo fôra talvez feito para essa frase. Mas o diabo era que minha situação era bem aquilo.

Mas basta de olhar as cousas pelo lado do Destino. Agora a miudeza da realidade. A escolha de Julian Huxley, para Secretário Geral da Unesco, foi um desses acasos felizes — que ninguém sabe quanto tempo vai durar — em que tivera papel preponderante o Paulo Carneiro — você deve lembrar-se dele, um dos companheiros da aventura educacional do Rio — por feliz acaso delegado do Brasil na Fundação da Unesco. Huxley, escolhido, comunicou ao Paulo Carneiro o seu desejo de escolher um brasileiro para o *staff* da Unesco. O Paulo deu-lhe o meu nome, creio, contou cousas a meu respeito. O Huxley fixou-se em mim. No Brasil, o governo declarou desconhecer-me e indicou dois outros nomes. O Huxley resistiu e deixou o Brasil sem convidar ninguém, pois não me encontrara. Afinal em N. Y. fez novo ato de fé em mim, convidando-me sem se avistar comigo. Foi tudo, pois, um ato de fé, na palavra amiga e cega de Paulo Carneiro. Mas o ato de fé de um

Huxley é honra de não acabar mais. O homem é verdadeiramente um Gran Señor da Dinastia dos Huxleys, dos Darwins e dos Einsteins. Mas por isto mesmo não sei se o teremos sempre na Unesco. Em novembro, deve ser escolhido o diretor permanente. Por enquanto, estamos na fase preparatória. E já começa a lutinha entre os que desejam uma Unesco de opereta e os que sonham uma Unesco na direção intelectual do mundo. Mas vamos aguardar.

E v. aí como vai? Como vai suportando as "dores do mundo"? Outro dia, lá partiu o Wells. Pouco antes, celebrara-se o nonagésimo aniversário de Shaw, com a publicação de um livro de louvores ao esplêndido diabo de nossa época. Neste livro vinha uma carta típica de Wells, em que o grande profeta fechava os seus comentários com esta frase: "Whatever happens (here?CN), we have had a pretty good time." Não sei se nós podemos dizer a mesma cousa. Esses dois grandes diabos eram afinal diabos vitorianos, felizes e harmoniosos, que podiam ir e xingar o nosso tonto e atormentado mundo. Mas nós nascemos e vivemos neste mundo e não conhecemos nenhuma época vitoriana. . . e o que nos espera ainda são as dores de morte ou nascimento do nosso verdadeiro mundo. Adeus, Lobato. A sua carta como sempre me encheu o dia e vai me encher a vida até à chegada de outra. Lembre-me à D. Purezinha e à Ruth. Seu nome de sempre, Anísio."

Contudo mesmo na Unesco há a luta dos menos valorosos contra os mais valorosos (e por que só se fala em "luta de classes" e nunca se refere a essa luta eterna, a dos medíocres contra os talentosos?) e Anísio, que, num artigo recente Gilberto Freyre exaltou como "o maior educador brasileiro de todos os tempos", em carta de 29 de janeiro de 47, do "Queen Elisabeth" abre o seu coração a Lobato: "Meu grande Lobato: estou lhe escrevendo do "Queen Elisabeth", de viagem para New York. Pouco antes de deixar Paris, recebi sua carta e posso dizer-lhe que v., mais uma vez, determinou a direção da minha vida. Estava em pleno labor deliberativo a respeito do meu trabalho na Unesco e confesso, inclinado a me encaramujar na Bahia, cuidando da criação dos 4 Teixeirainhas. Sua carta sacudiu-me como uma rajada de vento e resolvi ficar. Esta viagem ainda é resultado do propósito de tudo

abandonar. Era a minha viagem de volta; a primeira parte da viagem de volta. De N. York tomaria um outro barco para a Bahia, sem sequer passar pelo Rio. Não pude cancelá-la mas só vou até N. Y. Volto dali para Paris e para Unesco. E tudo isso veio muito de sua carta. O seu entusiasmo me pegou. É espantoso que v. em BA veja a Unesco melhor do que eu! Lendo e relendo a sua carta, comparo-a às cartas de namorado sobre casamento. A vida conjugal, entretanto, é tão diferente! Dá-se um pouco o mesmo com a Unesco. Amar a Unesco é uma cousa e casar com ela outra." E remata assim o parágrafo: vou voltar à Unesco para uma nova experiência, conto com v. em Paris."

E logo a seguir, Anísio faz uma reflexão razoável sobre a Unesco: "A Unesco é, ao mesmo tempo, uma obra tardia e uma obra prematura. É esta a sua contradição essencial. Tardia, porque, de muito, o mundo pedia um centro intelectual para unificação de sua experiência e direção do seu progresso. A Unesco devia ter começado a existir desde o dia em que Galileu revelou àqueles batalhões medievais o método experimental. Criado o método científico, a Unesco era uma necessidade para aplicá-lo, para dirigir os resultados de sua aplicação à vida." Mas tal não se deu e o fascismo se espalhou pelo mundo como infecção "rinocerônica". Passado o cataclisma, o mundo se dividiu em duas metades irreconciliáveis, o que leva Anísio a dizer: "E dentro dessas divisões a Unesco que pretenderam criar é algo de terrivelmente prematuro." E mais além depois de mostrar que os governos não aprovaram as normativas de Huxley, o pensador brasileiro pondera: "Se Wells ainda estivesse vivo, creio que estigmatizaria a pequenina Unesco que estamos construindo. Mas que quer v., são assim os homens e talvez só com a 3ª catástrofe venham a aprender a viver uns com os outros. É horrível pensar estas coisas e ainda mais horrível cooperar em obras frustradas. Chocar aqui na Unesco o próximo cataclisma é o último dos meus desejos. A sua carta, entretanto, fez-me reconsiderar tudo isto."

A injeção de energia de Lobato teve efeito efêmero, pois a 13 de fevereiro de 1947, numa carta ao velho camarada, Anísio declarava a sua resolução de abandonar a Unesco: "Em N. Y.,

pus os pés em terra. E senti que eles não tinham a leveza que supusera em pleno mar — cinco paralelepípedos os amarravam ao chão. A mulher e quatro filhos." E Anísio conclui assim a sua missiva: "Vi sua carta ao Coelho e chorei. Que hei de fazer para lhe agradecer e para que v. me perdão? A decepção para mim também não é menor."

Esta é a última carta datada da coleção. No ano seguinte, 1948, numa madrugada paulistana, falecia Monteiro Lobato. As cartas, que não dispõem de data, são evidentemente anteriores. Uma delas — da década de 30, a década petrolífera de Lobato —, assinada pelo autor de Urupês, constitui um testemunho da clareza de espírito e de reucação de Anísio: "Anísio. Você me deu um grande prazer hoje — neste estúpido e arrepiado domingo de chuvisco insistente. Imagine que ontem o Fernando deu-me aquele volume de manifesto ao povo e ao governo sobre educação — para que o lesse e sobre ele falasse num artigo. E essa intimação do Fernando arrancou-me à faina petrolífera, em que vivo mergulhado até às orelhas. Resolvi consagrar este domingo à educação.

Comecei a ler o manifesto. Comecei a não entender, a não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar — quem sabe está nalgum livro de Anísio o que não acho aqui — e lembrei-me dum livro sobre a educação progressiva que me mandaste e que se extraviou nos caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas a procurar dar berros de entusiasmo por essa coisa maravilhosa que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatricks!

Eureka! Eureka! Você é o líder! Você é quem há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante clara e aguda para ver dentro do cipoal de coisas engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores. Acho que antes de reformarem qualquer coisa ou proporem reformas, os mais adiantados e ilustres líderes educacionais do momento o que devem fazer é reformarem-se a si próprios, isto é, aposentarem-se e saírem do caminho."

E a seguir Lobato para o assunto do petróleo, temeroso do surto nacionalizador do governo e crente de que, rico como um

Gulbenkian, poderia fazer mais do que o potentado armênio, distribuindo fundos por instituições de educação e cultural! Tomemos conhecimento do seu sonho de abundância e prodigalidade cultural: "Meu petróleo está uma pura maravilha. A vitória está assegurada, e, a não ser que me veja espoliado pelas leis do Juarez, nacionalizadoras do petróleo que tais, que venham a matar o surto da futura indústria e privar-nos do que com ela eu possa vir a ganhar, terei meios de realizar várias grandes coisas que me fervem na cabeça. Uma delas diz com você. É criar luxuosamente um aparelho educativo com v. à testa, como nunca existiu no mundo. Um gânglio novo, libérrimo, autonomíssimo, fora do governo, da religião, de tudo quanto restringe e peia. Um gânglio que vá se irradiando até fazer-se um formidável organismo moldador de homens — educador no mais elevado sentido. Com escolas especializadas, com estação de rádio própria, com estação telessora de imagens. . .

Qualquer coisa como Rádio City do Rockefeller, mas educativa. O governo que ensine ao povo o que quiser, a religião, idem. Nós, do alto da nossa Education City, servida por todas as máquinas existentes e as que hão de vir pairaremos sobre o país qual uma nuvem de luz. Um corpo de cérebros, dirigidos por v., prepara, a máquina multiplicadora, dissemina. Iremos fazer com um pútilo de auxiliares o que o Estado — essa Besta do Apocalipse — não faz com milhares de infecções chamadas escolas e cágados chamados professores. A "nossa Educação" cairá como chuva de neve sobre o país, sem saber e sem querer saber onde os frocos irão pousar.

Processos da natureza. Vem a chuva com pingos. Não vem cada pingo endereçado a uma certa coisa. Desce ao acaso — esse acaso permite que essa maravilha a que chamamos natureza se desenvolva em todos os rumos, como lhe apraz, etc.

Adeus, Anísio. Quando o petróleo rebentar, teremos de pensar a sério no assunto."

É interessante notar neste final de carta, que tem algo de desenho animado, gênero de cinema amado por Lobato, fervoroso admirador de Walt Disney, que o famoso escritor se mostra vinculado à filosofia da natureza. Fato que já notamos no ensaio "Monteiro Lobato: uma Teoria do Estilo".

Lobato não sonhava sozinho. Anísio também partilha desse sonho civilizador e planeja o trabalho comum pela educação nacional. E numa carta sem data, mas que também deve provir da década de 30, o didata assim se exprime: "As notícias da *Emília no país da gramática* alvoroçaram o nosso grupo. Creio que vai ser uma de suas obras-primas. Sonhei com Octalles — o grande — o humilde — educador nacional — o sonho de ir trabalhar com você.

Primeiro trabalho: A HISTÓRIA DE HOJE. Encontrei no Wells todo o material "Work, Wealth and Happiness of Mankind". Quando poderemos fazer isto?"

Enfim, após as muitas decepções que sobrevêm aos que se dedicam a trabalhar com os governos, com os partidos políticos e com as representações da massa, onde as qualidades pessoais são mais repelidas que incentivadas, o que resta, ao indivíduo, que se encerra na sua solidão, é a crença na qualidade redentora dos seus companheiros de ideais, das pessoas do seu nível. Lobato e Anísio, como já antes Flaubert e os Goncourt, acarinharam essa mesma fé na força de uma elite intelectual e moral, fermento indispensável para a gigantesca ação universal. E numa carta que manda do Rio, do começo da década de 30 naturalmente, Anísio, apresentando Hermes Lima a Lobato, refere-se ao assunto sedutor: "A minha carta de hoje é para aproximar de v. um desses poucos homens. O Hermes Lima. Certa vez, v. me disse que há uma certa irmandade de inteligência no mundo. E que o dever de cada irmão é aproximar do outro o irmão ainda desconhecido. É um desses irmãos que lhe apresento hoje.

Se v. me acolheu um dia, quando quebrava a cabeça, inquieto, diante da revelação americana, para me dar o presente magnífico de sua convivência e de sua amizade, v. também há de gostar do Hermes que é melhor do que eu, pela lucidez e pela autonomia da inteligência. Baiano também. Abraça, pois, no Hermes seu muito e grande amigo Anísio."

Realmente, a carreira de Hermes Lima nunca se afastou, em momentos fáceis para desvios, da maior elevação e dignidade. Não nos deixou sem antes ter escrito um volume sobre Anísio, do mais profundo significado.

Numa das cartas, sem data — missiva bem longa, parecendo um diário de viagem —, Anísio dá conta a Lobato de uma viagem que fez por zona pioneira do interior de São Paulo. Louva as cidades vivas, nascidas recentemente, prósperas, sanguíneas, criadoras, como já antes no princípio do século, Monteiro Lobato em carta a Godofredo Rangel, fizera o louvor das novas cidades da Paulista, Mogiana e Sorocabana. Esse novo Brasil, fervilhante, entusiasmo Anísio, filho do sertão estagnado. Depois de registrar a popularidade de Lobato e sua campanha em prol do petróleo, Anísio escreve: "ontem já vi no "Diário de São Paulo", em manchete, o inquérito sobre o petróleo. . . O Brasil estremunha, meu caro Lobato. Sai do seu sonho medíocre de arranjos políticos para a madrugada econômica. . . Avalie o país agitado por um problema real, um problema-mão, um problema-problema como o do petróleo. . . Ah! parece que se chega afinal ao começo. . . 436 anos para se chegar ao princípio. 436 anos de pré-história. . .

Não me contive hoje que lhe não dissesse essas coisas. O interior de S. Paulo está confirmando tim-tim-por-tim-tim o que pensava. Com algumas surpresas intelectuais. No trem, uma porção de livros sérios. Leitores do *Livro de San Michele*. Aqui, numa pequena agência, um rapazinho avermelhado abocanhado ao *Selvagem* do Couto de Magalhães... Os jornais de S. Paulo lidos no dia. Estamos a mais de 500 km da capital. E política nenhuma. Ou invisível. Só trabalho, curiosidade, movimento de campanha ou fronteira. . . E a terra toda vestida, graciosa, contente, como uma mulher bem-amada e bem tratada. . . Até a igreja prospera. Os padres são também imigrantes. Espanhóis, italianos, portugueses. . . Constroem catedrais, hospitais, escolas. . . Os seis dias da criação da riqueza. Que importa que o mundo tivesse sido criado há 500.000 anos? Aqui, agora é que começou o gênesis de verdade. . . E S. Paulo precisa de um Moisés para escrever a sua história. . ."

Esta página epistolar é para nós muito significativa, porque ela concentra de maneira viva e visual — baseada no concreto, no material —, a visão dúplice de Lobato e Anísio. Eles sabiam que eram pioneiros numa terra em que se traía o pioneirismo (o bandeirismo ficou arquivado séculos, sem continuidade, apenas

tema para discursos bombásticos), para ser substituído por colonização desfiguradora, alienação, nepotismo, óbices ao desenvolvimento democrático e a melhores padrões de vida para o povo. E a História Pátria era confeccionada pelas classes no poder, isenta de qualquer criticismo, distante da verdade documental. Lobato e Anísio partilham do mesmo sonho de progresso para o país, mas são antagonizados por um conservantismo obstinado na defesa do quê? Na defesa da continuidade da diferença entre os dois Brasis: o dos ricos e o dos pobres, ou seja, o dos poderosos e o dos desvalidos. Quem não aceita esse escândalo e essa desumanidade é tachado de comunista. . .

Mas o Progresso e o Futuro, a dinâmica natural da vida, a força do que é orgânico, evolutivo (mais do que as revoluções e subversões), impõem o fenômeno de um Brasil Novo, que se dilata por Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Goiás e Rondônia, Pará e Amapá. . . Como no Oeste Americano, no século passado, a própria luta pela posse das terras constitui um sintoma de vitalidade. Temos fé de que este Brasil Novo naturalmente revitalizará o Brasil Tradicional, a que pertencemos, um país em tantos aspectos serôdio, resistindo a mudanças porque acha muito bom o mal. Éramos uma criança quando vimos, em 1930, em Santos, penetrar na cidade um bando de revolucionários gaúchos, com lenços encarnados ao pescoço. . . Testemunhamos o que veio depois e que foi a repetição do passado com algumas poucas melhoras e uma porção de coisas que pioraram. . . Não se tocou nos defeitos fundamentais do sistema. Mas hoje os gaúchos chegam a Barreiras, na Bahia, pacificamente, prontos para a modificação do Trabalho, e então percebemos que essa é a melhor revolução, a inovadora, a produtiva, a que se realiza na alegria da irmandade!

Pegamos essas cartas candentes de Lobato e de Anísio, e nessa evocação de tempos e sonhos pretéritos, em que às vezes sentimos as ressonâncias celestes da utopia pedagógica de *O jogo das contas de vidro*, de Hermann Hesse, vibrando, percebemos que esses dois idealistas e patriotas legítimos anunciam um Brasil Novo, baseado no pioneirismo, Brasil anti-Macunaína, Brasil anti-Jeca Tatu, e Brasil anti tantas coisas que, para tristeza

e vergonha nossas, vinham de muito longe, mas nos últimos anos se instalaram soberbas em nossa terra e nos olhavam com a satisfação do seu triunfo perverso. Essas palavras das velhas cartas, afortunadamente conservadas, plenas de sonho, paixão e indignação justa, nos revelam que não estão sós aqueles que no Brasil estão determinados à criação de um Brasil melhor, em que a educação substitua o primitivismo e o atraso. Releiamos muitas vezes essas cartas, nelas buscando energia e ensinamentos. Não tenhamos dúvida de que o sonho da educação brasileira está entrelaçado com todo um programa de pioneirismo, de desenvolvimento, de civilização, de cultura, de harmonia social, em suma, de felicidade para todo o povo brasileiro.